

Organizadores:
Marcia Tassinari
Andre Nerys

Diálogos Humanistas:

Encontros de Três Gerações

Volume 1



Organizadores:
Marcia Tassinari
Andre Nerys

Diálogos Humanistas:

Encontros de Três Gerações

Volume 1



CAPÍTULO 5	
TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE E EXPERIENCIAL: duas terapias diferentes (<i>CLIENT-CENTERED AND EXPERIENTIAL: two different therapies</i>) RESENHA	81
<i>Antonio Ângelo Favaro Coppe</i>	
REFLEXÃO	93
<i>José Estácio de Lucena</i>	
CAPÍTULO 6	
INTUIÇÃO E A ABOARDAGEM CENTRADA NA PESSOA (<i>INTUITION AND THE PERSON-CENTERED APPROACH</i>) RESENHA	97
<i>Mauro Martins Amatuzzi</i>	
REFLEXÃO	105
<i>Lucas Pantaleone de Carvalho Arcuri</i>	
CAPÍTULO 7	
EMPATIA RELACIONAL: além do egocentrismo modernista para o contextualismo holístico pós-moderno (<i>RELATIONAL EMPATHY: beyond modernist egocentrism to postmodern holistic contextualism</i>) RESENHA	109
<i>Marisia Oliveira da Silva</i>	
<i>Saulo Bagatini Silva</i>	
REFLEXÃO	115
<i>Guilherme Wykrota Tostes</i>	
CAPÍTULO 8	
EMPATIA: onde estamos e para onde vamos a partir deste ponto? (<i>EMPATHY: where we are and where do we go from here?</i>) RESENHA	121
<i>Marcos Alberto da Silva Pinto</i>	
REFLEXÃO	131
<i>Juliana Batista Fitaroni</i>	
CAPÍTULO 9	
NÃO NECESSARIAMENTE NECESSÁRIO, MAS SEMPRE SUFICIENTE (<i>NOT NECESSARILY NECESSARY BUT ALWAYS SUFFICIENT</i>) RESENHA	135
<i>Anita Bacellar</i>	
REFLEXÃO	145
<i>Bianca Nascimento de Souza</i>	
CAPÍTULO 10	
O QUE ESTÁ ERRADO COM A PSICOLOGIA DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE (<i>WHAT'S WRONG WITH THE PSYCHOLOGY OF CLIENT-CENTERED THERAPY</i>) RESENHA	151
<i>Vera Lucia Pereira Alves</i>	
REFLEXÃO	159
<i>Emanuel Meireles Vieira</i>	

CAPÍTULO 10

O QUE ESTÁ ERRADO COM A PSICOLOGIA DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE (*WHAT'S WRONG WITH THE PSYCHOLOGY OF CLIENT-CENTERED THERAPY*)

RESENHA

Vera Lucia Pereira Alves

Apresentação do autor/obra

John Keith Wood é o autor deste texto que foi escrito no final da década de 1990 e lançado postumamente, em 2008. O capítulo compõe uma obra, redigida apenas em inglês, que compila alguns de seus escritos não publicados anteriormente. São textos complexos que nos brindam com suas reflexões críticas e eruditas e recheados de referências a outros autores cujas pesquisas John Wood utiliza para ilustrar seus próprios pontos de vista. Por vezes, seus apontamentos são sutis e entremeados com pitadas de ironia que demandam uma leitura mais atenta do que propriamente pela riqueza do conteúdo.

John Wood viveu no Brasil nas suas duas últimas décadas de vida. Ele faleceu há exatos 15 anos, no mês de agosto de 2004, na linda Estância Jatobá onde morava na cidade de Jaguariúna – SP. John Wood fez parte da equipe de Carl Rogers desde 1970 e com eles veio ao Brasil para workshops antes de se mudar definitivo.

É autor de várias publicações, que estão em grande parte em inglês, mas pode ser lido em português nas seguintes obras: **Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa** (1983); **Vestígios de Espanto: notas de fim de semana de um psicólogo** (1985); **Abordagem Centrada na Pessoa** (1994); **Cartas para o hemisfério norte** (2005) e **Sete verões entre pessoas: diário de bordo sobre a Abordagem Centrada na Pessoa em grandes grupos** (2013).

Perspectiva teórica da obra

No capítulo aqui apresentado, Wood coloca sob análise crítica elementos da psicologia da Terapia Centrada no Cliente (TCC) e os confronta com as práticas realizadas sob a perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa

(ACP) de forma a questionar os pressupostos básicos do corpo teórico desenvolvido por Carl Rogers.

A demarcação entre TCC e ACP que fundamenta o presente texto encontra-se bem explicitada pelo próprio autor em texto anterior (WOOD, 1994). A TCC, segundo ele, limitada à clínica psicológica voltou-se para o desenvolvimento de uma mudança de personalidade com foco no mundo subjetivo do indivíduo e teve intenso desenvolvimento entre os anos de 1935 e 1965. A partir de 1965 os pressupostos da teoria foram sendo aplicados à educação e a diversas atividades em grupo tornando-se então reconhecida como Abordagem Centrada na Pessoa. Uma abordagem que se volta “também para interações sociais e se concentra no aprender fazendo” (WOOD, 1994, p. 8). Para Wood, a força e a fraqueza dos conceitos de Rogers decorrentes em grande medida da experiência com sua psicoterapia eficaz foram de certa forma pesquisadas enquanto TCC, mas a ACP não tem sido pesquisada. É para preencher este espaço que ele contribui com as reflexões do presente texto.

Breve síntese da obra

Em um texto de mais de trinta páginas, sob um título em que questiona o que pode haver de errado na psicologia da TCC, Wood apresenta, reflete e argumenta sobre o que faltou à TCC. Suas reflexões alinham-se em torno dos seguintes tópicos:

- Uma visão mais ampla da natureza humana
- Uma visão realista do individualismo
 - O mito da singularidade
 - O mito da vítima da sociedade
 - O mito de que o indivíduo controla seu próprio destino
 - O mito de que os indivíduos são racionais e bem-intencionados
- Um respeito adequado pelo cliente
- A confiança no Relacionamento Terapêutico Humano
- Uma apreciação completa da complexidade da pessoa
- Uma compreensão clara do método
- Um conceito mais amplo de *self*⁹
 - Os outros *selves*
 - Um observador oculto
- O reconhecimento de uma realidade cotidiana que, sem dúvida, afeta a psicoterapia
- Uma apreciação do efeito do meio ambiente

9 O termo *self* será mantido no original em todo este texto a fim de se evitar confusões teóricas com o uso das possíveis traduções para *Eu* ou *Ego*. O termo *selfé* também plenamente reconhecido pelos estudos da teoria de Rogers em língua portuguesa.

- Uma compreensão do papel profissional
- Um conceito adequado de compreensão empática
 - O estado de consciência empático de Rogers
 - Outros fatos
 - Empatia *interruptus*: outra visão

Para Wood quando os pressupostos básicos da TCC passaram a ser aplicados em contextos outros para além da psicoterapia é que se deu início a um debate sobre estes pressupostos e suas consequências. O problema para ele é que os insights “verdadeiros e brilhantes” de Rogers foram enunciados na teoria da TCC de tal forma que penderam apenas para uma parte da realidade: a individualidade.

Principais teses desenvolvidas na obra

Os diálogos de Rogers com May, Skinner, Buber e Tillich (KIRSCHENBAUM; HENDERSON, 1989) marcam, segundo Wood a ampliação da visão da natureza humana de Rogers. Visão esta, que se estivesse já presente na TCC teria contribuído para a facilitação do desenvolvimento de uma pessoa madura e responsável por seus atos. Entretanto, Rogers operava na perspectiva da individualidade, isto é, tomando partido dos seus clientes, afirmava a liberdade soberana do indivíduo e culpava a sociedade por suas dificuldades. Algo que, para Wood não encorajava os indivíduos a se responsabilizarem por seus atos.

Ele aponta que, para além deste aspecto, a ênfase neste *self* como realidade exclusiva, tal como delineado na TCC, não fornece uma perspectiva suficientemente ampla com a qual se possa compreender grupos de indivíduos bem como outros fenômenos que envolvam outras realidades.

Ele pontua também, respaldando-se em Barton (1971) e Buber (1960), que cliente e terapeuta na TCC são presas de um falso individualismo que não reconhece a constituição cultural do *self*. Para ele, a TCC acreditando numa força de auto atualização fora da cultura só poderia mesmo ter avaliado negativamente a influência da cultura no *self*. Tornou-se uma psicologia que ajudou as pessoas a tomarem consciência de si, como indivíduos únicos, mas não a perceberem que não são únicas.

Aspecto este, diferenciado em grupos da ACP quando seus participantes revelam a necessidade não apenas de se aprimorar como pessoas, mas aprimorar também a habilidade de produzirem algo juntos, aprimorando a própria sobrevivência. Os participantes dos grupos na ACP não se centram meramente na rejeição das regras da sociedade, ao contrário, adquirem maior respeito e aceitação pelo outro e se empenham na construção de uma sociedade em que cada membro possa viver em harmonia com sua experiência organísmica.

A ideia da TCC sobre o controle do destino pelo indivíduo, considerada por Wood como um mito, é colocada em cheque neste texto, quando ele nos lembra quão frequentemente os indivíduos se dizem arrependidos de atos que cometeram quando estavam em grupo e quanto, por outro lado, referem que em grupo acabam por construir algo que não teriam feito sozinhos.

O outro ponto criticado por Wood é o fato de que o respeito pelo cliente que Rogers trouxe para a psicologia, infelizmente não se transformou em foco nem de suas exposições nem tampouco de suas pesquisas e nem mesmo quando ele apontou a importância de o cliente perceber a aceitação incondicional e a compreensão empática do terapeuta. Foi na atuação deste último que Rogers se centrou a ponto de dizer ser possível compreender o grau de empatia na relação terapeuta-cliente pelo estudo apenas das declarações do terapeuta. Para Wood, uma contradição ao que o próprio Rogers compreendia por compreensão empática!!

Tratava-se muito mais de focar a relação do terapeuta para com o cliente, do que centrar-se no relacionamento propriamente dito. Esta relação era compreendida muito mais como abstração; já que considerava em separado os dois indivíduos que estavam juntos. Todavia, Rogers, numa posição que para Wood era ambígua, considerava simultaneamente, a relação terapeuta-cliente como um relacionamento permeado de calor e compreensão, compreendendo-o então como um fenômeno que interligava terapeuta e cliente; sinônimo de relacionamento experiencial entre os dois.

Quanto ao papel do cliente, na compreensão de Wood, apenas em 1967, trabalhando com pacientes esquizofrênicos é que Rogers passou a reconhecer que as características do cliente poderiam desempenhar um papel importante na qualidade deste relacionamento.

Wood cita pesquisas que referem que não apenas a empatia, mas também a consideração incondicional e a autenticidade produzem resultados muito mais complexos do que os pensados em termos de causa e efeito, isto é, pensadas como decorrentes de uma ação do terapeuta para modificar o cliente. São atitudes apontadas por ele como influenciadas muito mais pelo cliente e sua situação do que pelo terapeuta. O desejo do cliente em resolver um problema, sua inteligência em apreender as contingências, o esforço em enfrentar fraquezas e a confiança em acreditar em outra pessoa podem contribuir mais para o sucesso da psicoterapia do que seu tempo de duração, ou a abordagem do terapeuta ou mesmo o local em que se realiza. Algo que se configura muito mais alinhado às práticas psicológicas da ACP do que aquilo que se preconizava para a TCC.

Na mesma linha de análise, a técnica do terapeuta, para Wood, não é um elemento essencial para o resultado da terapia. Os aspectos que produzem a mudança estão mais relacionados à positividade da atitude do cliente para com o terapeuta e seu comprometimento com a mudança. Contudo,

Wood refere que não desconsidera em qualquer hipótese a importância do método de trabalho. Para ilustrar sua posição, cita um experimento em que professores não treinados, quando no papel de terapeuta, produziam tantos resultados quanto psicólogos e psiquiatras, no entanto, tinham dificuldade em sustentar um processo terapêutico por muito tempo. É deste modo que Wood indica que o método obscurecido pela importância dada ao terapeuta na TCC, tem sua importância como ponto de integração das crenças e atitudes do terapeuta às suas estratégias e intervenções.

O outro aspecto relevante da psicologia da TCC que Wood traz para sua reflexão centra-seno conceito de *self*. Para ele, o *self*, singular não é uma entidade muito confiável, uma vez que pode ser completamente transcendido através de um intenso envolvimento com os outros: nossos pensamentos e sentimentos estão intimamente ligados àqueles que nos rodeiam. Para corroborar sua ideia, cita William James que dizia ser o homem composto de tantos *selves* sociais quantos são os indivíduos a carregar dele uma imagem.

Wood aponta assim que a unificação de todos os *selves* seria muito mais complicada do que Rogers sugeria e do que sua limitada proposta de psicoterapia poderia dar conta. Todavia, segundo Wood, a intenção de Rogers era a realização da potencialidade humana e mesmo que a TCC não suspeitasse de que poderia haver um *self* observador, uma base para ação integrada e sábia, questiona se não teria ela apelado para sua existência na reorganização da experiência do cliente.

Ele enfatiza que a variedade de padrões de pensamento e reações emocionais a uma mesma situação social como as que se pode constatar nos workshops de grandes grupos na ACP sugerem uma complexidade para além dos limites do conceito de *self* proposto pela TCC. No entanto, a complexidade que Wood indica não abordada pela TCC incluiria ainda outras esferas.

Para ele, falta o reconhecimento de que não apenas a realidade cotidiana dos indivíduos afeta o processo psicoterápico, como também o ambiente em que ele se realiza. Este último considerado como de vaga compreensão no sistema concebido por Rogers, mas de necessária atenção, pois para Wood o ambiente terapêutico – o setting – deve ser concebido como organizador do espaço do participante. Seus elementos: cores, sons, imagens, luz e o ar afetam o estado de consciência dos participantes, de forma a facilitar que a pessoa se perceba para além de si própria na organização de sua vida.

Wood considera que o cliente não pode ser compreendido separado do fenômeno que vivencia e aquilo que ele experiêcia no processo psicoterápico pode não vir a ser suficiente para que supere suas crenças e expectativas. Sua ansiedade, incongruência, desejo de mudar e sua habilidade para adentrar um relacionamento pessoal podem ser pré-requisitos para o sucesso da psicoterapia. Torna-se ainda mais complexa a compreensão deste processo

(do que na TCC), quando ele indica que são as expectativas, disponibilidade e contribuição do cliente para uma sensível compreensão e aceitação por parte do terapeuta que configurarão uma psicoterapia bem-sucedida. Wood ilustra tal apontamento com pesquisas que reiteram a ideia de que clientes têm melhores resultados quando seus terapeutas se sentem confortáveis e os consideram interessantes. Se a interação com o terapeuta é assim concebida como a parte mais importante da psicoterapia, a qualidade com que o terapeuta executa seu trabalho irá afetar o sucesso do processo psicoterápico cujo aspecto essencial é a compreensão empática.

Entretanto, para Wood, não é suficiente que o terapeuta compreenda o mundo do cliente, que sinta aquilo que o cliente sente. O terapeuta também precisa experienciar ser compreendido pelo cliente. Trata-se de uma concepção de compreensão empática como mútuo estado alterado de consciência que, segundo ele, foi tardiamente reconhecida por Rogers. A relação terapêutica passa então a ser concebida como um entrelaçamento: "O terapeuta e o cliente participam numa experiência integrativa que transcende o tempo, as fronteiras da identidade presumida tanto do cliente quanto do terapeuta" (p.247). Há uma sintonia entre os dois, ambos são modificados, ambos são responsáveis e neste sentido se as ações não forem as melhores poderão mesmo assim provocar bons resultados, já que, por outro lado, como refere Wood, na tentativa de se fazer o bem, pode-se fazer mal.

Reflexão crítica sobre a obra

Maureen O'Hara no prefácio do livro em que se insere o capítulo aqui resenhado afirma que os textos de John Wood concretizam uma evolução para a ACP e que ao serem lidos, tornam o leitor também parte deste processo evolutivo. Minha pretensão com esta resenha é que ela se torne um convite ao leitor para adentrar às críticas e proposições acerca da teoria de Carl Rogers e assim participar deste processo produzindo maior conhecimento sobre a ACP, como tanto ele quanto Wood desejavam.

Daquilo que conheço da realidade brasileira, há vasta atividade inspirada na ACP, dando muitos bons frutos que rumam para uma realidade distante da concepção individualista presente na TCC e criticada por Wood. Em nosso país, os atendimentos em plantão psicológico e as atividades de atenção psicológica em escolas, delegacias, hospitais e em várias instituições públicas se concretizam abarcando o coletivo e pensando o individual também coletivamente. O psicólogo se insere no contexto da pessoa atendida e deste modo não facilita seu caminho sem que tenha uma plena atenção a este contexto. Creio ainda mais, que a prática destas atividades, modificam por sua vez, a realização da atividade psicoterápica individual, pois quando

estes profissionais se voltam para os atendimentos no setting psicoterápico, este se torna também diferenciado. Não havendo mais como ser um psicoterapeuta que não leve em conta o contexto de vida do cliente, que não se atente ao fato de que estão construindo um relacionamento inserido numa peculiar cultura e que estão criando uma nova cultura.

Deste modo creio que as atividades realizadas hoje no Brasil, por psicólogos que se inspiram na teoria de Carl Rogers, registram o caminho apontado por Wood no presente texto. Neste sentido, o texto, talvez não contribua pela sua novidade! No entanto, retomando meu convite de construção de conhecimento, talvez o texto possa servir para auxiliar a sistematizar a produção deste. A meu ver, precisamos mais disto na atual ACP brasileira e creio que já adentramos esta estrada. O presente livro exemplifica este empenho. O'Hara refere que ela e Wood estavam "em busca da coisa real" (O'HARA, 2008, p. v). Nós aqui no Brasil também estamos, continuamos esta busca...

REFERÊNCIAS

- BARTON, Arthur. The client-centered transformation: A phenomenological approach. In: GIORGI, A.; FISCHER, W.; ECKARTSBERG (Orgs.). **Duquesne studies in phenomenological psychology**. Pittsburg: Duquesne University Press, 1971.
- BUBER, Martin. Dialogue between Martin Buber and Carl Rogers. **Psychologia**, n. 3, p. 208-221, 1960.
- KIRSCHENBAUM, Howard; HENDERSON, Valerie. **Carl Rogers: dialogues**. Conversations with Martin Buber, Paul Tillich, B. F. Skinner, Gregory Bateson, Michael Polanyi, Rollo May and others. Boston: Houghton Mifflin Company, 1989.
- O'HARA, Maureen. Forewords. In: _____. **Carl Rogers' Person-Centered Approach: Toward an understanding of its implications**. Ross-on-Wye: PCCS Books, 2008. p. iii-viii.
- WOOD, John Keith. Prólogo. In: WOOD et al. **Abordagem Centrada na Pessoa**. 1. ed. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1994.
- _____. What's wrong with the psychology of Client-centered Therapy. In: WOOD, John Keith. **Carl Rogers' Person-Centered Approach: toward an understanding of its implications**. Ross-on-Wye: PCCS Books, 2008. cap. 11.